

Juiz de Fora em Cinco Sentidos¹

Lucas Augusto Fonseca CAMPOS²

Jorge Carlos Felz FERREIRA³

Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Juiz de Fora em Cinco Sentidos é uma fotorreportagem que compõe uma série de atividades propostas na disciplina de Fotografia da Faculdade de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, ministrada pelo professor Jorge Felz. O trabalho é um resultado prático dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, o uso consciente dos recursos tecnológicos e uma análise prática das características que o meio fotográfico pode oferecer aos profissionais da área de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Fotojornalismo; Reportagem; Juiz de Fora; Cinco Sentidos.

1. INTRODUÇÃO

A reportagem constitui, basicamente, um gênero jornalístico, diferindo da notícia tanto no eixo vertical quanto no horizontal, ou seja, a reportagem apresenta um volume maior de informações, ao mesmo tempo em que aprofunda no assunto tratado, o que torna a informação mais consistente. A fotografia é parte integrante deste processo de construção da reportagem, contribuindo não só para a ilustração, mas para a formação da narrativa. Porém, a fotografia por si só não constitui elemento crucial para a elaboração da reportagem, a imagem necessita do texto para formar o fio condutor da narrativa. A fotografia, ao ser utilizada pelos jornais diários e revistas noticiosas, assume evidentemente funções do jornalismo: representar, dar significado, documentar e testemunhar. Se como afirma Beltrão (2006), o jornalismo pode ser conceituado como o ato de informar, as fotografias produzidas com o caráter jornalístico, também devem ser entendidas como informações devidamente interpretadas e apresentadas à sociedade. Segundo Sontag (1986) o valor fotográfico se dá a partir deste atributo: “a fotografia é valorizada porque nos fornece informações” (SONTAG, 1986, p.21). Desta forma, ao pensar o fotojornalismo, temos que entender a fotografia como notícia, com caráter informacional, é notícia que possui informação sobre um dado acontecimento. A fotografia é incapaz de fornecer

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Fotojornalismo.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º semestre do Curso de Jornalismo, email: fonseca.lucasaugusto@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: jorgefelz@globocom.com.

algumas informações, por isso devem ser complementadas com o texto para dar sentido à mensagem. O fotojornalismo no Brasil aparece na revista semanal *O Cruzeiro*, a partir de 1943, e em seguida no jornal *Última Hora*, tornando-se um grande desafio para a publicação diária.

A renovação visual deste jornal se baseia na valorização da fotografia, publicando muitas fotos em grandes formatos e apostando nas imagens não estáticas, além de inaugurar as famosas seqüências fotográficas. A *UH* também passa a assinar as fotografias, prática antes restrita às revistas ilustradas. A *Última Hora* é, portanto, a pioneira na utilização do fotojornalismo nos diários cariocas e o embrião do que viria a ser a grande transformação na utilização da linguagem fotojornalística nos jornais de todo o país. (LOUZADA, 2006, p.02)

Uma fotografia é considerada jornalística quando ela possui um caráter informativo, seguindo os elementos que caracterizam um fato como notícia, entre eles a proximidade, a atualidade, a identificação, a intensidade, o ineditismo e a oportunidade. Assim, a fotografia jornalística mostra, revela, opina e ajuda a credibilizar a informação contida no texto.

O repórter fotográfico precisa reunir intuição e sentido de oportunidade, para conseguir captar o “instante decisivo” defendido por Henri Cartier-Bresson. Dessa forma, o jornalista trabalha com a linguagem do instante, sendo capaz de reunir em uma imagem a sensação ou a ideia de um fato. Esta é uma tarefa árdua, principalmente quando entramos no campo semiótico das imagens e nas várias interpretações que esta pode obter. Por isso, o foto-repórter precisa destacar o sentido da sua imagem, utilizando as técnicas disponíveis no equipamento fotográfico, permitindo ao observador atribuir claramente à imagem fotográfica o sentido idealizado pelo fotojornalista.

2. OBJETIVO

O material fotográfico produzido por alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora tem como objetivo contemplar o ensinamento teórico e prático dado na disciplina de Fotografia, possibilitando ao aluno a experimentar a produção jornalística por meio do gênero fotorreportagem, observando e aplicando as suas características.

O presente trabalho pretende, também, mostrar os aspectos culturais da cidade de Juiz de Fora, observados a partir dos cinco sentidos humanos – o tato, o olfato, o paladar, a

visão e a audição. A partir desta análise a fotorreportagem tem por objetivo traçar uma identidade da cidade, vista sob o aspecto das imagens produzidas. O meio fotográfico proporciona ao observador uma análise mais aguçada de situações que muitas vezes passam despercebidas no cotidiano. A imagem está diretamente relacionada aos sentidos humanos, pois através do “ver” o observador consegue relacionar o cheiro, o som, a sensação, entre outros.

3. JUSTIFICATIVA

A fotografia desenvolve um discurso muito peculiar no âmbito da informação jornalística. A imagem se apresenta como fragmentos da realidade, que veicula a figura humana e suas ações com valor de consumo. Por isso, a imagem vai além do que uma mera ilustração ou um preenchimento de espaço na diagramação jornalística, ela informa estilos de vida e valores ligados aos modos de ser pessoa na sociedade.

Como afirma Peruzzolo (2004, p. 04), “com a noção de ‘ver’, que é a relação de um sujeito que vê com um objeto que se apresenta ao olhar, já entramos na esfera do comunicativo, onde toda mensagem vem investida de um valor de intencionalidade”. Assim, a fotografia é o meio e também a mensagem no campo comunicacional, possuindo uma forte influência no contexto narrativo da notícia.

Sob o tema central da reportagem, a análise da identidade juiz-forana pelos sentidos, a fotografia seria a melhor forma de transmitir tais informações, uma vez que o meio proporciona ao observador uma análise mais aguçada de situações que muitas vezes passam despercebidas no cotidiano. A imagem está diretamente relacionada aos sentidos humanos, pois através do “ver” o observador consegue relacionar o cheiro, o som, a sensação, entre outros.

Juiz de Fora está localizada na Zona da Mata mineira, próxima dos grandes centros como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Pela sua localização, a cidade mescla características típicas do interior com espaços urbanos, formando na cidade uma cultura e uma identidade rica e única. Em Juiz de Fora a fotografia chegou cedo pelas mãos da família de Mariano Procópio Ferreira Lage (1821-1872). Mariano e seus filhos Frederico (1862-1901) e Alfredo Ferreira Lage (1865-1944) dedicaram cedo à fotografia. Em 1840, Mariano Procópio, quando de sua viagem de estudos à Europa, conheceu pessoalmente Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851), responsável, um ano antes, pelo

desenvolvimento do processo fotográfico conhecido como daguerreotipia. Seu cunhado, Constantino Machado Coelho foi considerado pelo naturalista americano, Luiz Agassis, quando de sua passagem pela região, como excelente fotógrafo. Alfredo Ferreira Lage chegou a ser presidente do *photo-club* do Rio de Janeiro, participando da primeira exposição em 1904. A rodovia União e Indústria (1861) e a Estrada de Ferro Pedro II (1870), obras nas quais Mariano Procópio esteve diretamente envolvido, trouxeram à região dois grandes fotógrafos estabelecidos no Rio de Janeiro: Revert Henrique Klumb e José Ferreira Guimarães. Klumb publicou em 1872 o primeiro guia rodoviário do Brasil, “*Doze horas em diligência – guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora*”, álbum ilustrado com fotografias. Guimarães foi encarregado de fotografar os edifícios pertencentes à Estrada de Ferro Pedro II que fizeram parte de uma exposição sobre estradas de ferro em Paris. Por essa relação direta com a fotografia brasileira, nada mais evidente que buscarmos na imagem fotográfica, um mecanismo de representar e retratar essa cidade.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O trabalho fotojornalístico começou com a realização da pauta nas aulas de fotografia. Com o tema acertado, iniciou-se o processo de pesquisa para identificar na cidade os elementos marcantes do espaço, aspectos que a identificaria quanto aos cinco sentidos humanos. Como a reportagem exige do jornalista um conhecimento mais profundo e amplo sobre o tema, a coleta de dados aconteceu em um primeiro momento com a ajuda da RAC (Reportagem Assistida por Computador), por meio de sites de busca na coleta e verificação de informações. Em seguida uma pesquisa informal com os moradores da cidade, a fim de destacar o que é marcante na cidade.

Com as locações pré-definidas, começaram os trabalhos em campo. Para a realização das fotografias foi utilizada uma câmera Canon T3i, 18 Megapixels e lente 18 x 135 mm / 1.3-5.6, a fim de obter material fotográfico de qualidade para a produção da fotorreportagem.

A essência da fotorreportagem é mostrar o que muitas vezes passa despercebido pelos olhos do cotidiano, por isso, surgiu a necessidade de fotografar cenas espontâneas, sem montagens, mas ao mesmo tempo a imagem deveria mostrar a sua real interpretação, sem ambigüidades. Para tais características, optou-se por enquadrar as fotografias no gênero

features, defendido por Souza (2002, p. 114), ao explicar que na fotografia *features* “o fotorepórter age numa esfera de maior liberdade artística e estilística. O que interessará ao editor fotográfico é uma imagem incomum, cheia de força visual, frequentemente colorida, capaz de atrair imediatamente o leitor”. Dessa forma as imagens foram trabalhadas de forma a apresentar grande impacto na cor e na representação simbólica da narrativa.

A profundidade de campo foi um fator levado em consideração na produção das fotografias. Fotos como “Visão”, “Audição” e “Paladar” precisavam de uma grande profundidade de campo para localizar a imagem no espaço real. Para tal resultado, houve a necessidade de fotografar distante da cena, diminuir a distância focal das objetivas e o diafragma. Já nas fotos “Olfato” e “Tato”, por exemplo, a cena é destacada em primeiro plano, para realçar o contexto narrativo. Para isso a profundidade de campo foi menor, invertendo as orientações anteriores.

Após a produção fotográfica, as imagens passaram por uma produção, respeitando as condições éticas como afirma Souza (2002, p. 146), ao dizer que “as questões ligadas à geração e manipulação digital de imagens são, talvez, das mais relevantes para o fotojornalismo actual, especialmente no que diz respeito à ética e à deontologia profissionais”.

Dessa forma, o tratamento das fotografias respeitou a integridade do conteúdo das imagens. O processo de edição passou pelo enquadramento das fotos e a melhora no contraste das cores. Quanto ao enquadramento, esse foi necessário para destacar o que é realmente necessário aos olhos do observador, como diz Souza (2002, p. 78), ao afirmar que “reenquadrar uma fotografia é um gesto frequente em fotojornalismo, pois assim pode concentrar-se a atenção do observador no motivo e retirar da imagem elementos que desviem o olhar do que é importante”. Em relação ao contraste, esse foi útil para a correção da luz em determinadas imagens, uma vez que as fotos foram tiradas espontaneamente. Assim há um ganho no relevo, na cor e na intensidade das fotografias.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O resultado final compõe uma galeria com cinco imagens, sendo uma fotografia para cada sentido humano. Este conjunto imagético representa a identidade juiz-forana, elementos e aspectos encontrados nesse espaço e que caracterizam a cidade.

A fotografia “Audição” traz como legenda o texto “o sinal de alerta nos trilhos da cidade”. A fotografia retrata o cotidiano de Juiz de Fora e que ao mesmo tempo gera polêmica: a passagem de uma linha férrea no meio do espaço urbano, em um município que se caracteriza em constante desenvolvimento. O barulho dos trens é um sinal de alerta para os juiz-foranos, modificando a rotina daqueles que não querem esperar o trem passar para cruzar uma avenida. Este aspecto traz certa ironia para a cidade que não deveria “parar” no seu desenvolvimento.



Audição – O sinal de alerta nos trilhos da cidade

A fotografia “Olfato” mostra o doce de coco, vendido e feito no próprio calçadão da rua principal de Juiz de Fora. A legenda diz “o cheiro doce de festa na Rua Halfeld”. O olfato provoca nos transeuntes um clima de fantasia, uma cidade que vive no “mundo das maravilhas”.



Olfato – O cheiro doce de festa na Rua Halfeld

“Tradição e paladar na esquina mais movimentada da cidade” é a legenda para a fotografia “Paladar”, que retrata as barraquinhas de pipoca na cidade. Uma mistura entre o espaço urbano, marcado pelo concreto e o movimento do trânsito, e a tradição de cidade de pequena, os quitutes típicos de um espaço antigo – a pipoca e o queijo parmesão. Assim podemos caracterizar Juiz de Fora, que através do paladar consegue expor uma de suas maiores afeições: uma cidade do interior, que mesmo em desenvolvimento consegue resguardar alguns aspectos do seu passado.



Paladar – Tradição e paladar na esquina mais movimentada da cidade

A foto “Tato” representa o toque de uma escultura viva com uma criança, no centro da cidade. A legenda “o toque entre a arte e o trabalho” mostra uma característica forte na cidade, a valorização da arte, seja artesanal ou profissional, e a transformação dessa como forma de trabalho. A produção cultural na cidade é forte, onde podemos encontrar vários grupos teatrais e musicais.



Tato – O toque entre a arte e o trabalho

Por fim, a fotografia “Visão”, descrita com a legenda “confrontos urbanos”. A convivência entre motoristas e motociclistas gera muitas discussões no trânsito, seja em cidades de grande ou médio porte. A fotografia provoca esse duelo entre os olhares. De um lado, o motociclista sendo refletido pelo retrovisor de um carro. Do outro, o olhar subjetivo do motorista através do observador da imagem. Uma provocação de posições, que gera certo desconforto em quem visualiza a fotografia.



Visão – Confrontos Urbanos

6. CONSIDERAÇÕES

Por meio deste trabalho ficou evidente a necessidade de sempre inovar no fotojornalismo, utilizando da criatividade, tal fator foi e sempre será importante para perdurar a utilização deste meio. A produção fotográfica exige do repórter um olhar além do que é visto no cotidiano. Expor na lente das câmeras o espontâneo para contar uma história em imagens.

Sensibilidade, capacidade de avaliar as situações e de pensar na melhor forma de fotografar, instinto, rapidez de reflexos e curiosidade são traços pessoais que qualquer fotojornalista deve possuir, independentemente do tipo de fotografia que ele faça. Além disso, a edição fotográfica é importante, sempre respeitando as condições éticas e o bom senso.

Com relação ao conteúdo abordado na reportagem, percebemos que é um assunto atual e em constante transformação, uma vez que a sociedade se modifica no seu comportamento e na própria forma de enxergar o mundo. Retratar a identidade de um espaço por imagens é impactante, e essa ação se torna ainda maior quando relacionamos a imagem aos sentidos humanos. Dessa forma, o observador é convidado a experimentar os sentidos fora do contexto.

É possível fazer um jornalismo diferenciado no âmbito da fotografia, de forma a possibilitar ao observador, informação consistente e de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Fotografia e jornalismo: da prata ao pixel – discussões sobre o real**. Líbero. São Paulo, ano X, n. 20, p.103-111, dez/2007.

LOUZADA, Silvana. **Reformas dos Jornais Cariocas no Século XX: A formação do repórter-fotográfico e o papel do fotojornalismo**. Niterói, 2006

PERUZZOLO, Adair Caetano. **Valor da Informação Fotojornalística em Zero Hora**. Santa Maria, 2004

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo - uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002